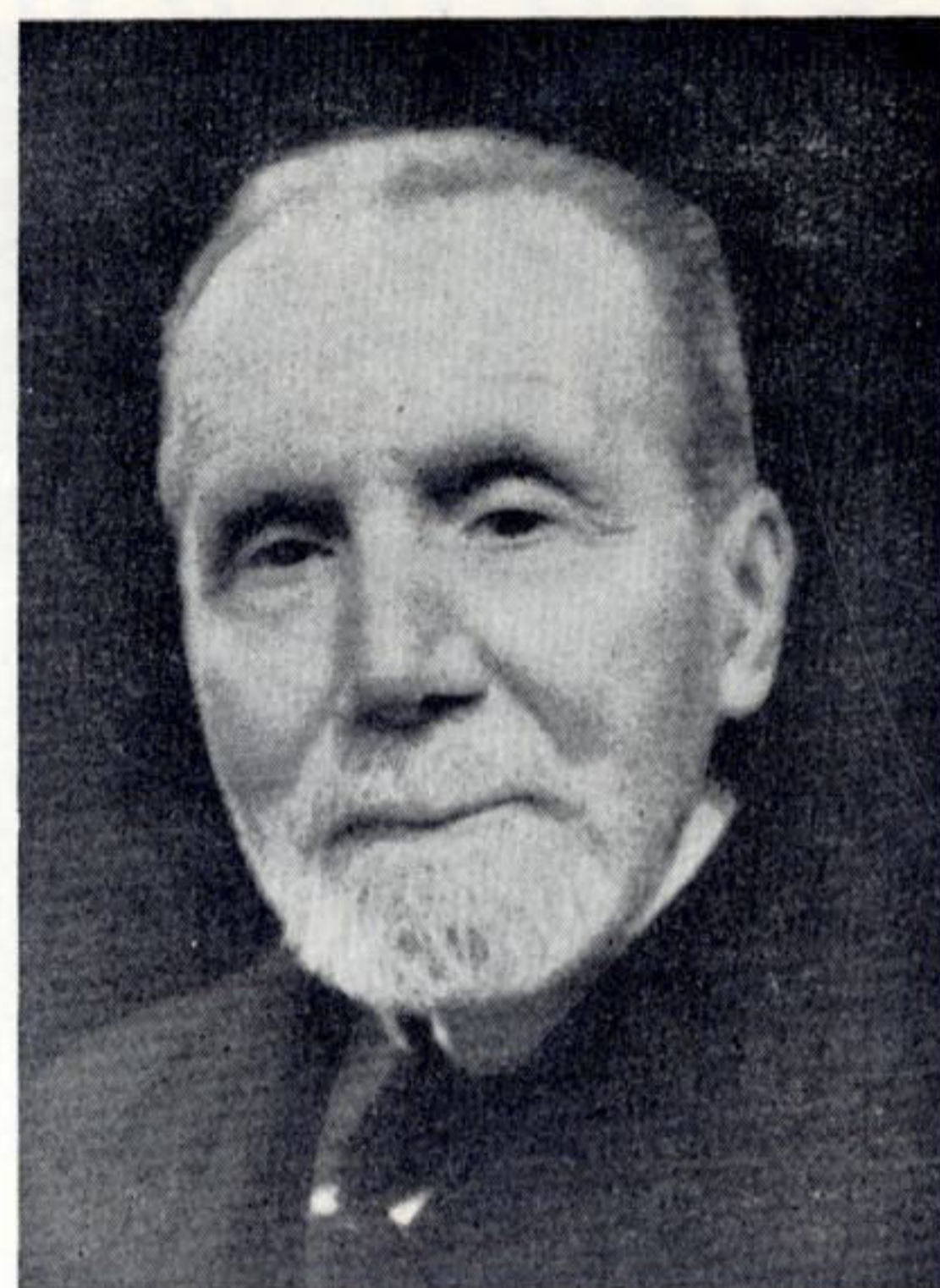


O médico

A. C. FERREIRA DE CASTRO

Uma vida que é um exemplo



ANTÓNIO CAETANO FERREIRA DE CASTRO
(1866-1951)



dr. António Caetano Ferreira de Castro, filho de Caetano José Ferreira e de D. Camila Rosa de Castro Ferreira, nasceu em Campanhã no dia 19 de Setembro de 1866 e foi baptizado na Igreja Paroquial de Santo Ildefonso.

Teve a infelicidade de perder o pai ainda em criança. Sua mãe, antiga aluna do Colégio das Órfãs — aonde veio do Brasil propositadamente para escolher noiva aquele que foi seu marido —, educou seus filhos cristãmente. Durante a sua desolada viuvez, para conforto seu e educação dos filhos, lia e comentava passos do Velho e Novo Testamento, obra conservada religiosamente pelo dr. Ferreira de Castro, que a legou a seu sobrinho para a guardar como relíquia de família.

Depois de estudar instrução primária num colégio em S. Lázaro, matriculou-se no Liceu Central do Porto e logo no fim do primeiro ano foi um dos alunos mais classificados, recebendo como prémio um exemplar encadernado de «Os Lusíadas», edição de luxo, impressa no Rio de Janeiro. E em tal apreço tinha esta recompensa, que nas suas disposições mandou entregar o livro à Biblioteca do Liceu de D. Manuel II, como estabelecimento de ensino que sucedeu ao antigo Liceu Central do Porto.

Aluno sempre muito distinto, altamente classificado quer no Liceu quer na Academia Politécnica e na antiga Escola Médico-Cirúrgica, terminou o curso em 1891 com a defesa de uma dissertação sobre «Salpingites», cuja parte histo-patológica, bem como a das dissertações, também valiosas, de Aguiar Cardoso e Eduardo de Freitas, foi executada, sob a orientação do dr. Artur Cardoso Pereira, no laboratório criado pela Escola, onde durante algum tempo desinteressadamente trabalhou aquele investigador que mais tarde revelou os seus méritos em Lisboa, no Instituto de Medicina Legal.

Terminado o curso, e durante cinco ou seis épocas seguidas, exerceu o cargo de médico hidrologista das Termas

de Caldelas, substituindo seu tio, o dr. António Joaquim de Oliveira Castro, fundador da revista *Medicina Moderna* e introdutor em Portugal da dosimetria, de que seu sobrinho também foi adepto.

Exerceu largamente a clínica, tendo o consultório sucessivamente na Rua de Mousinho da Silveira, Passos Manuel (com o dr. Araújo e Castro, primeira vítima dos Raios X) e, finalmente, na sua residência na Rua da Boavista, 418 (hoje 700), onde viveu mais de cinquenta anos e onde veio a falecer no dia 3 do mês de Janeiro findo.

Quando Ferreira de Castro iniciou o exercício da clínica — trabalhou algum tempo no Hospital de Santo António —, não havia laboratórios de análises nem a complicada e cara aparelhagem dos Raios X, nem electrocardiógrafos, nem aparelhos de diatermia e de raios de várias espécies e ondas. Apenas o termómetro, que se trazia no bolso, e um pequeno estojo com a lanceta para as sangrias. Ainda não se usavam sequer, entre nós, fonendoscópios. A auscultação era directa. Muitas vezes o médico de minha casa, o dr. Guilherme Nogueira, durante anos seguidos director clínico do Hospital de Santo António, me auscultou, de flor na lapela da sobrecasaca — um cravo, uma rosa, uma orquídea — curvando-se e encostando ao meu peito e às minhas costas o ouvido, separado da pele sòmente por uma fina toalha de linho.

Por vezes, as famílias que desejavam médico permanente e certo, tinham uma avença. Muito pouco se pagava anualmente: entre cinco a doze mil reis, mas ninguém deixava de oferecer qualquer lembrança pelas grandes festas do ano — de maior ou menor valor, consoante a fortuna de cada qual e a importância dos serviços prestados. Uma consulta custava cinco tostões e cada visita domiciliária dez. Uma conferência retribuía-se com uma libra em ouro, discretamente embrulhada em papel de seda, dentro de uma salva de prata, colocada na mesa ou no fogão da sala de visitas, onde os colegas se reuniam para discutir o caso clínico.



Comissão executiva do 1.º Congresso Nacional de Deontologia e Interesses Profissionais (Fevereiro de 1912)

Da esquerda para a direita — Sentados: Alberto de Aguiar, Mendes Corrêa, Cândido de Pinho, Cândido da Cruz e Ramos de Magalhães. De pé: Almeida Garrett, Ferreira de Castro, Araújo e Castro, Joaquim Silveira, Oliveira Lima, Teixeira Ribas, Pacheco de Miranda, Abeillard Teixeira e Carteador Mena.

Fot. de Emilio Biel.

Nestas condições, o dr. Ferreira de Castro foi testemunha dos estonteantes progressos da técnica nesta primeira metade do século XX e esforçou-se por acompanhá-los no exercício da sua clínica. Porém, cauteloso e prudente, querendo conciliar a tradição e o progresso, não se deixou seduzir demasiado por certas inovações. Para ele, foi sempre primacial a observação directa do doente.

Ao terminar o curso, encontrou um guia e protector em seu tio, cuja biografia publicou em 1947.

Ferreira de Castro possuía as qualidades que são, não direi apenas essenciais no médico, mas sim em todo o homem educado e bom. Era justo, honesto e digno, caritativo, pacífico e perseverante, cumpridor fiel dos deveres sociais, discreto e amigo de saber. Conhecia os livros e revistas de Medicina; mas gostava também de ler os bons prosadores e poetas, não faltava às exposições de Arte, nem aos concertos do Orfeon Portuense, de que era sócio. Por isso, o seu convívio era extremamente agradável e a sua conversa variada e sempre instrutiva.

Detestava a maledicência. A reputação dos colegas era para ele sagrada e defendia-a como seu indeclinável dever. Mas insurgia-se contra faltas deontológicas indisculpáveis, contra todos os abusos terapêuticos ou de honorários, porque para ele o doente era sagrado e de forma alguma nem por nenhum princípio podia ser objecto de exploração de qualquer ordem.

O nome do dr. Ferreira de Castro fica estreita e muito honrosamente ligado ao nosso jornalismo médico.

Seu tio, o notável clínico dr. António Joaquim de Oliveira Castro, ao fundar a *Medicina Moderna* em 1894, escolheu-o para redactor dessa revista mensal, cargo que mais tarde deixou para assumir a sua direcção, até 1923, data em que abandonou a actividade jornalística, sempre exercida com a maior devoção e dignidade.

Muito se interessou também por assuntos de Deonto-

logia e nos cargos que desempenhou nas nossas sucessivas agremiações — União Médica, Sociedade de Medicina e Cirurgia do Porto, Associação dos Médicos do Norte de Portugal e, finalmente, Associação Médica Lusitana, de que foi presidente da Direcção — sempre pugnou pelo prestígio da classe e pela defesa dos seus legítimos interesses.

Mostrou sempre o dr. Ferreira de Castro, sóbrio e metódico em todos os actos da sua vida, grande predilecção por tudo quanto se referia a dietética e estâncias termais e de repouso, como se prova com os seus artigos sobre Monte Real, Vale da M6, Ramalhoso e Seixoso. E ainda há três anos, vendo que geralmente os portugueses se alimentavam erradamente, uns forçados pelas circunstâncias, outros por ignorância ou por serem escravos da rotina e por preconceitos, apresentou sobre o assunto uma comunicação ao Congresso Luso-Espanhol de Hidrologia.

Acompanhava com o maior interesse os progressos da Faculdade e, relendo agora os artigos que publicou e as inúmeras notas críticas, bibliográficas, biográficas e necrológicas arquivadas sobretudo na *Medicina Moderna*, verificamos que o dr. Ferreira de Castro, sempre bem informado da vida médica nacional, aproveitava todas as oportunidades para exaltar o trabalho sério e as acções boas dos mestres e alunos da sua Escola.

Faleceu, como já referi, na noite de 3 de Janeiro. Na manhã seguinte, levei, com seu primo, o testamento ao notário para ser aberto e conhecermos as suas últimas disposições. Escrevera-as no dia 21 de Maio de 1947. E dentre os legados — aos Seminários da Diocese, às Ordens do Carmo e da Lapa, ao Asilo Profissional do Terço, ao Refúgio da Paralisia Infantil e à Assistência aos Tuberculosos do Norte de Portugal — destaca-se, pela sua importância, o que se destina à Faculdade de Medicina.

Assim manifestou clara e nobremente o seu amor à Escola onde estudara e cujo progresso e prestígio quis, por essa forma, auxiliar.

O legado vale não só pela importância da verba, mas também e sobretudo porque esta representa as economias de um homem tímido e pobre, que passou toda a sua vida, que foi longa, na modéstia, na humildade e na renúncia e que, diante da morte, em que tantas vezes pensava, se lembrou da Escola que o preparara para o exercício da clínica e quis contribuir, generosamente, para tornar mais notável a sua já gloriosa tradição beneficente.

Meditemos todos no nobre exemplo da sua vida de trabalho, em que sempre mostrou — como ele mesmo disse de alguns dos seus biografados — tanta austeridade consigo próprio, como bondade com o seu semelhante.

HERNANI MONTEIRO.